



# A expressão *chōrís hamartías* na Carta aos Hebreus

*The Expression Chōrís Hamartías in the Letter to  
the Hebrews*

RITA MARIA GOMES <sup>a</sup>

CLÁUDIO VIANNEY MALZONI <sup>b</sup>

## Resumo

O texto de Hebreus traz uma reflexão a respeito do Cristo sacerdote “aperfeiçoado” ou “tornado perfeito”. Esse texto, como os demais textos da Escritura, traz desafios aos tradutores. Neste artigo, considera-se de modo especial a questão da tradução da expressão *chōrís hamartías* e seu impacto na compreensão da cristologia de Hebreus. A metodologia aqui utilizada é a da pesquisa analítico-bibliográfica e segue os seguintes passos: primeiro, uma análise da expressão em importantes dicionários; segundo, uma explanação sobre a cristologia de Hebreus focando na afirmação de Hb 4,15; terceiro, considera-se as principais traduções dessa expressão e quais os critérios que os tradutores precisam seguir na hora de traduzir *chōrís hamartías*. Com esse percurso, conclui-se que a tradução mais significativa do que pretende o autor de Hebreus é “sem, contudo, pecar”.

**Palavras-chave:** Novo Testamento. Carta aos Hebreus. Cristologia. Salvação. Pecado.

---

<sup>a</sup> Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, PE, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: rita.gomes@unicap.br

<sup>b</sup> Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, PE, Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: claudio.malzoni@unicap.br

## Abstract

*The text of Hebrews brings a reflection on Christ the priest “made perfect”. This text, like the other texts of Scripture, pose challenges to translators. In this article, the question of the translation of the expression *chōrís hamartías* and its impact on the understanding of the Christology of Hebrews is considered in a special way. The methodology used here is the analytical-bibliographic research and follows the following steps: first, an analysis of the expression in important dictionaries; second, an explanation of the Christology of Hebrews focusing on the statement of Heb 4:15; third, the main translations of this expression are considered and the criteria that translators need to follow when translating *chōrís hamartías*. With this path, it is concluded that the most significant translation of what the author of Hebrews intends is “without sinning”.*

**Keywords:** *New Testament. Letter to the Hebrews. Christology. Salvation. Sin.*

## Introdução

A preposição *chōrís* aparece 41 vezes no Novo Testamento.<sup>1</sup> Dessas ocorrências, 13 se encontram na Carta aos Hebreus: em 4,15; 7,7.20.20; 9,7.18.22.28; 10,28; 11,6.40; 12,8.14. Entre elas, uma se destaca, Hb 4,15. As duas últimas palavras desse versículo são *chōrís hamartías*. Como essa sequência tem sido traduzida nas edições da Bíblia em circulação no Brasil? O que o/a tradutor/a precisa levar em conta para traduzi-la? As traduções mais comumente encontradas são: “mas sem pecado” (JFA); “com exceção do pecado” (BJ); “sem, todavia, pecar” (TEB). Em que essas traduções diferem entre si?

Para responder essas questões, será percorrido um caminho. Primeiramente, será apresentado o significado de *chōrís* nos dicionários, e como essa preposição é usada na Carta aos Hebreus. Em seguida, virá uma apresentação sucinta da Carta aos Hebreus, privilegiando sua cristologia e, de modo especial, a afirmação presente em Hb 4,15, tomando o versículo em seu todo. A terceira e última etapa desse caminho será a da tentativa de resposta das três questões elencadas acima: Como a expressão *chōrís hamartías* tem sido traduzida nas edições da Bíblia em circulação no Brasil? O que o/a

---

<sup>1</sup> A transliteração das palavras gregas segue as normas da Society of Biblical Literature: P. H. ALEXANDER et al. *The SBL Handbook of Style*, p. 29.

tradutor/a precisa levar em consideração para traduzi-la? Em que diferem as traduções conhecidas dessa sequência?

## A preposição *chōrís* nos dicionários e seu uso na Carta aos Hebreus

A primeira questão a considerar é que *chōrís* é um termo com dupla função sintática, pois tanto pode ser um advérbio quanto uma preposição. Cada função traz um significado ou significados específicos. Quanto à apresentação desses significados, um número restrito de dicionários será utilizado: apenas quatro.

O primeiro deles é o *Dicionário do grego do Novo Testamento*, de Carlo Rusconi. É um dicionário simples e de fácil acesso, razão pela qual é mais utilizado e, por isso, foi escolhido. Esse dicionário identifica dois usos de *chōrís*, como advérbio, com o significado de “separadamente”, como em Jo 20,7, e como preposição que rege o genitivo, com diversos significados: “a. separadamente de”, como em Tg 2,26; “b. fora de, senão”, como em 2Cor 12,3; “c. sem”, como em Lc 6,49; “d. independentemente de”, como em Rm 3,21; “e. sem fazer uso de”, como em Mt 13,34; “f. sem contar”, como em Mt 14,21; “g. em construção anastrófica”, como em Hb 12,14 (RUSCONI, 2003, p. 499).<sup>2</sup> Note-se que, entre os exemplos, não há nenhum que seja da Carta aos Hebreus.

O segundo dicionário é o *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*, de J. P. Louw e E. A. Nida. Esse dicionário, organizado a partir de domínios semânticos, permite consultar as palavras juntamente com outras palavras de significados afins. Nele, há duas entradas para *chōrís*. Na primeira entrada, a palavra *chōrís* está situada no domínio semântico de “Todo, unir, parte, dividir” (2013, p. 546), no subdomínio “Separar” (2013, p. 548). Seu significado é: “relativo a algo que ocorre

---

<sup>2</sup> Anástrofe é uma figura de linguagem que consiste na inversão na ordem normal das palavras em uma oração com a finalidade de aumentar a expressividade da mensagem colocando uma palavra em destaque (NEVES, Anástrofe ou inversão, disponível na internet).

separadamente ou à parte”; o exemplo dado é Jo 20,17 (2013, p. 548). Na segunda entrada, a palavra *chōrís* está situada no domínio semântico de “Relações” (2013, p. 691), no subdomínio “Dissociação ou separação”, em que aparece com as palavras *áneu* e *áter*, “marcadores de elementos conectados negativamente – ‘sem, não com, sem nenhuma relação com, independentemente de’” (2013, p. 705). Em nota, acrescenta-se: “[é] possível que *chōrís* se distinga de *áneu* e *áter* por focalizar um grau maior de separação ou falta de envolvimento” (2013, p. 705). As palavras *áneu* e *áter* têm baixa frequência no Novo Testamento grego. A primeira ocorre em Mt 10,29; 1Pe 3,1; 4,9; a segunda em Lc 22,6.35.<sup>3</sup> Quanto à apresentação da palavra *chōrís* nessa segunda entrada, nenhum significado a mais é dado; apenas são dados exemplos de seu uso, nomeadamente: em Jo 1,3; Tg 2,26; Fl 2,14; 1Cor 11,11; Rm 4,6 (2013, p. 705). Nenhum exemplo da Carta aos Hebreus é dado.

O terceiro dicionário é aquele editado por Horst Balz e Gerhard Schneider, que foi consultado em tradução espanhola: *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*. O verbete *chōrís* é de autoria de J. B. Bauer, que, primeiramente, traz as acepções do termo de modo sucinto: “separado, longe de, à parte de, sem”. Na sequência, desenvolve as características do termo. Afirma que *chōrís* como advérbio só aparece no Novo Testamento em Jo 20,7 fazendo referência ao sudário que “estava à parte”, e que nos outros casos em que aparece é uma “preposição imprópria que rege genitivo”. O autor recorda ainda que quase um terço dos usos neotestamentários de *chōrís* encontra-se na Carta aos Hebreus (1998, c. 2162).

Como preposição regendo genitivo há duas possibilidades: ou referindo-se a pessoas ou a coisas. Como genitivo de pessoa um bom exemplo é Hb 11,40. Ali aparece *chōrís hēmōn teleiōthōsin*. O texto é elucidativo quanto ao sentido do termo para o autor da Carta aos Hebreus. Após fazer a memória das grandes personagens da história de Israel considerando a fé, o texto conclui que Deus não queria que eles chegassem à perfeição “sem nós”.

---

<sup>3</sup> As ocorrências das palavras no Novo Testamento grego assinaladas ao longo deste trabalho foram tomadas de *Concordance to the Novum Testamentum Graece*, 1987.

O quarto dicionário consultado foi *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, baseado na obra de Walter Bauer, revista por Frederick W. Danker, escolhido por sua importância e consideração no meio exegético. Também esse dicionário apresenta separadamente os usos de *chōrís* como advérbio e como preposição. Para o advérbio aponta o seguinte significado: “relativo a ocorrendo separadamente ou sendo separado, *separadamente, à parte, por si mesmo*”. O único texto do Novo Testamento citado é Jo 21,17. Para a preposição regendo o genitivo, que é o uso mais frequente no Novo Testamento, é assinalado o seguinte significado: “relativo a ausência ou falta de algo, *sem, a parte de, independente(mente) de*”. Na apresentação dos usos de *chōrís* como preposição, especifica-se seu uso com genitivo de pessoa e de coisa, e esses usos, por sua vez, também se subdividem, como segue. Para genitivo de pessoa: 1. “*separado de alguém, longe de alguém, sem alguém*”, como em Jo 15,5; 1Cor 4,8; 11,11; Ef 2,12; Hb 2,9; 11,40. 2. “*sem ou a parte de = a parte da atividade ou da assistência de alguém*, como em Jo 1,3; Rm 10,14. 3. “*sem contar, para além de, exceto (para) alguém*”, como em Mt 14,21; 15,38. Para genitivo de coisa: 1. “*fora (de) algo*”, como em 2Cor 12,3. 2. “*sem fazer uso de algo, sem expressar ou praticar algo*”, como em Mt 13,34; Mc 4,34; Lc 6,49; Fl 2,14 (comparar com 1Tm 2,8; 5,21); Fm 14; Hb 4,15; 7,7; 10,28 (comparar com Hb 7,20ab; 9,7.18.22); Tg 2,20.26b (comparar com Tg 2,18). 3. “*sem possuir algo, longe da presença de algo*”, como em Rm 7,8.9; Fm 14 (mas, provavelmente, no item anterior); Tg 2,26a; comparar este item com Hb 11,6; 12,8.14. 4. “*sem relação ou conexão com algo, independente(mente) de algo*”, como em Rm 3,28 (comparar com 3,21; 4,6); Hb 9,28. 5. “*longe de*”, como em 2Cor 11,28 (2000, p. 1095). Nesse dicionário, várias ocorrências de *chōrís* na Carta aos Hebreus são apresentadas nos exemplos, nomeadamente: Hb 2,9; 7,7.20ab; 9,7.18.22.28; 10,28; 11,6.40; 12,8.14, e 4,15, que é o objeto central deste estudo.

Uma vez apresentados os significados de *chōrís* nesses dicionários, cabe agora apresentar um elenco de todas as atestações dessa palavra na

Carta aos Hebreus, lembrando que das 41 atestações de *chōrís* no Novo Testamento, 13 estão na Carta aos Hebreus, ou seja, 31,7% das atestações.<sup>4</sup>

4,15 – De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, tendo sido provado em tudo como nós, sem pecado (*chōrís hamartías*).

7,7 – Mas, sem qualquer contradição (*chōrís dé pásēs antilogías*), é o menor que é abençoado pelo maior.

7,20 (2x) – Isso não acontece sem juramento (*chōrís horkōmosías*); de fato, aqueles sem juramento (*chorís horkōmosías*) tornaram-se sacerdotes.

9,7 – Mas, na segunda, só o sumo sacerdote, uma vez ao ano, não sem sangue (*chōrís haímatos*); ele o oferece pelas suas faltas e pelas do povo.

9,18 – Pelo que nem a primeira foi instituída sem sangue (*chōrís haímatos*).

9,22 – E, de acordo com a lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue, e sem derramamento de sangue (*chōrís haimatekchsysías*) não há perdão.

9,28 – Do mesmo modo, também o Cristo tendo sido oferecido uma única vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá, uma segunda vez, sem pecado (*chōrís hamartías*) àqueles que o esperam para salvação.

10,28 – Alguém que violava a lei de Moisés, com base em duas ou três testemunhas, sem compaixões (*chōrís oiktirmón*), era condenado à morte.

11,6 – Mas sem fé (*chōrís dé písteōs*) é impossível agradar, pois é preciso que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que recompensa os que o procuram.

11,40 – Deus tinha previsto algo melhor para nós, a fim de que, sem nós (*chōrís hēmón*) não chegassem à perfeição.

12,8 – Mas se estais sem correção (*chōrís este paideías*), da qual todos se tornam participantes, então sois bastardos e não filhos.

12,14 – Buscai a paz com todos, e a santificação, sem a qual (*hoú chōrís*) ninguém verá o Senhor.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> As demais atestações estão em: Mt: 3; Mc: 1; Lc: 1; Jo: 3; Rm: 6; 1Cor: 3; 2Cor: 2; Ef: 1; Fl: 1; 1Tm: 2; Fm: 1; Tg: 4.

<sup>5</sup> Neste artigo, esses e outros textos bíblicos foram traduzidos ao português do texto grego a partir da seguinte edição: *O Novo Testamento grego*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

A esse elenco de ocorrências ainda seria preciso acrescentar mais uma, que aparece em uma polêmica leitura variante:

Hb 2,9 – Vemos Jesus, aquele que, por um pouco, foi feito menor que os anjos por causa do sofrimento da morte, de glória e honra coroado, para que, por graça de Deus (*cháríti theoú*) [sem Deus (*chōrís theoú*)], provasse a morte em favor de todos.

De acordo com o aparato crítico de *O Novo Testamento grego*, a leitura *chōrís theoú, sem Deus*, é bem menos atestada que a leitura *cháríti theoú, por graça de Deus*, estando presente em apenas alguns manuscritos gregos e latinos bastante secundários. Contudo, o que chama a atenção é que ela pode ser encontrada em vários escritores patrísticos (2009, p. 625). De acordo com Metzger (1994, p. 594), ela pode ter surgido de erro de leitura de algum escriba ou de alguma glosa marginal que teria sido trazida para o texto. Enquanto glosa marginal, ela poderia ter surgido de uma harmonização de Hb 2,8-9 com 1Cor 15,27.<sup>6</sup>

As 13 atestações de *chōrís*, acima elencadas, são suficientes. Delas, duas têm mais interesse neste momento, por estarem em versículos com maior densidade cristológica e com o mesmo complemento após a preposição. São elas: Hb 4,15; 9,28. Em ambas aparece a sequência: *chōrís hamartías*, para a qual, provisoriamente, se está tomando a tradução: *sem pecado*. Essas duas ocorrências formam uma inclusão e, no interior dela, todos os textos, de algum modo, estão marcados pelo tema do pecado (*hamartía*). Em Hb 4,15, está a afirmação da solidariedade total de Cristo com a humanidade, embora não faça a experiência do pecado, e, em Hb 9,28, o

---

<sup>6</sup> Em tempos mais recentes, a leitura *chōrís theoú* foi defendida como original por B. Weiss (1910), E. Kühn (1912), A. Von Harnack (1929), H. Montefiore (1964) (DANKER, 2000, p. 1095). Em geral, a argumentação consiste em levantar a suspeita de que essa leitura original foi mudada por uma censura teológica pela qual o texto teria passado. Bauer (1998, col. 2164), o autor já citado do verbete *chōrís*, no terceiro dicionário elencado acima, também se coloca entre os defensores de que a leitura *chōrís theoú* possa ser a original. Essa leitura deixaria o testemunho da Carta aos Hebreus próximo do texto marcado da morte de Jesus na cruz (Mc 15,34). Isso também faria com que houvesse ao menos dois usos do genitivo de pessoa em Hebreus e não apenas um (Hb 11,40). Bauer também elenca mais um defensor dessa hipótese: U. Wilckens (1971).

autor da Carta se refere à segunda manifestação do Cristo, já não mais relacionado com o pecado.

No interior dessa inclusão, no capítulo 9 há três ocorrências de *chōrís* relacionadas com sangue: Hb 9,7.18 (*chōrís haímatos*) e 9,22 (*chōrís haimatkechsysías*). As três ocorrências fazem referência ao sangue oferecido para a purificação dos pecados: do sacerdote e do povo. Ao final do capítulo, a palavra *haíma* não aparece quando se refere ao Cristo, mas é pressuposta por tudo que foi afirmado anteriormente e pelo uso de *thysías* (sacrifício ou imolação) (Hb 9,26).

Ainda no interior da inclusão encontram-se mais três ocorrências de *chōrís*, todas no capítulo sete. Em Hb 7,7 se atesta *chōrís dé pásēs antilogías*. O termo está relacionado a “toda contradição”, o que leva à compreensão de que está se excluindo qualquer dúvida sobre a afirmação posterior. Em Hb 7,20 aparece duas vezes *chōrís horkōmosías* no sentido de asseveração sob juramento. Nos vv. 20 e 21, o autor da Carta assegura o sacerdócio de Cristo de dois modos: pela via negativa ao usar *chōrís horkōmosías* (v. 20) e positivamente no v. 21 quando afirma que Jesus tornou-se sacerdote mediante juramento (*ho dé metá horkomosías*). As outras quatro ocorrências de *chōrís* não serão considerados aqui por não incidirem diretamente na discussão deste artigo.

Esses dados reunidos até aqui podem agora ser colocados à parte, de repouso, pois a continuidade da reflexão exige que se tenha uma visão mais ampla da Carta aos Hebreus e de sua cristologia.

## Hebreus e sua cristologia sacerdotal

A Carta aos Hebreus é um texto *sui generis* dentro do epistolário do Novo Testamento. Ela foi durante um tempo considerada uma carta paulina. A atribuição desse escrito a Paulo se deu pelo *post-scriptum* de Hb 13,22-25, em que se menciona Timóteo (VOUGA, 2015, p. 420). Esse final, típico de uma carta, não corresponde ao todo do texto, que se apresenta mais como uma homilia. Isso significa que Hebreus é um escrito que está inteiramente fora do *corpus* epistolar, exceto por seu final. Todas as cartas paulinas e deuteropaulinas, como é próprio do gênero epistolar, iniciam com uma

indicação do autor e de seu destinatário seguida de uma saudação. Nada disso se encontra no início de Hebreus (FABRIS, 1992, p. 342). Ao contrário, o que aparece aí é uma espécie de exórdio, elemento típico da retórica e que se adequa perfeitamente ao gênero discursivo como é o caso do sermão ou homilia. Aliás, em Hb 13,22, já no *post-scriptum*, esse escrito é chamado *lógos tés parakléseōs*, *palavra de exortação* (FABRIS, 1992, p. 342).

Após esse exórdio (Hb 1,1-4), o autor desenvolve sua argumentação sobre o Cristo e sua obra de salvação a partir de releituras do Antigo Testamento e conclui com uma bênção final (Hb 13,20-21). Assim, deixando de lado o final epistolar, o que se tem é um enquadramento do discurso da Carta aos Hebreus.<sup>7</sup> No início, o autor apresenta o Filho como enviado autorizado de Deus na sequência dos enviados anteriormente: os profetas. Com isso, o autor segue a linha do Evangelho de Marcos, e dos evangelhos que dele dependem, na apresentação do Cristo profeta. Tem-se assim um indício da época em que foi redigido esse texto, no período entre os anos 60 e 70, levando-se em consideração que Hb 8,13 pode estar fazendo uma referência à guerra judaica ou à destruição do templo (VOUGA, 2015, p. 424). Isso faz com que esse texto seja praticamente contemporâneo do Evangelho de Marcos.

Enfim, a Carta aos Hebreus nem faz parte do gênero epístola nem traz os principais desenvolvimentos teológicos presentes no *Corpus Paulinum*. Embora esse texto tenha sido muito cedo colocado sob a responsabilidade literária de Paulo e tenha assim permanecido até o Renascimento e a Reforma (VOUGA, 2015, p. 425), tal suposição não se sustenta. Muitos nomes foram sugeridos para essa autoria. No entanto, o caráter particular da Carta aos Hebreus, sem paralelo no Novo Testamento porque apresenta um modo de argumentação por comentário e atualização exegética, não corrobora nenhum dos nomes sugeridos. O autor não parte das realidades ali consideradas, como o culto judaico ou os sacrifícios no Templo de Jerusalém, ele comenta e atualiza o texto grego do Antigo Testamento. Por isso, Vouga afirma que ele é “antes de tudo, um exegeta e um pregador” (2015, p. 427).

---

<sup>7</sup> Apesar de já ter sido especificado que esse escrito não se enquadra no gênero epistolar, seguindo o costume, continuaremos chamando-o de Carta aos Hebreus.

Quem é esse exegeta e pregador que escreveu a carta só Deus sabe (FABRIS, 1992, p. 353).

Quanto ao desenvolvimento da argumentação exegética desse pregador, é necessário afirmar que ele o faz mediante um procedimento de comparação. Esse modo de argumentação é um procedimento *midráxico* chamado *qal wa-ḥomer* (leve e pesado). A partir dessa técnica o autor vai apresentar o sumo sacerdote melhor e mais perfeito (ANDRADE, 2004, p. 57). A comparação que faz o autor da Carta aos Hebreus insere-se no terceiro modelo de recurso *derásico* usados pelos autores neotestamentários: o da inserção-substituição<sup>8</sup>. Esse modelo “trabalha com a ideia do distanciamento ou modificação de algumas importantes instituições antigas e a principal delas é a Aliança e, partindo dela, vai se afirmar outras” (GOMES, 2019, p. 161).

Na Carta aos Hebreus, mediante a comparação, o autor argumenta e demonstra porque Jesus é o sacerdote melhor e a sua solidariedade com os humanos. Ele é o melhor sumo sacerdote porque participa das duas esferas: humana e divina. Os sacerdotes da antiga aliança, ainda que aperfeiçoados, continuam apenas na esfera humana, enquanto o sumo sacerdote da nova aliança também participa da esfera divina. O sacerdócio não é de qualquer um, é o do Filho de Deus. Por isso, também pode afirmar que ele é o único mediador, substituindo, assim, os sacerdotes e a aliança que os sustentava.

Pode-se notar ainda que o texto conta com uma estrutura relativamente clara, de modo que é possível descobrir seu centro com um pouco de atenção. Quem parece ter realmente prestado atenção ao procedimento literário do autor foi Albert Vanhoye ao propor uma estrutura simétrica para o texto. Vanhoye percebeu e elencou diversos procedimentos literários que ajudam na compreensão da composição e, conseqüentemente, da mensagem da Carta aos Hebreus, tais como: anúncios, palavras-gancho, palavras características, disposições simétricas, variação de gênero literário e inclusões (VANHOYE, 1980, p. 19). Com base nesses procedimentos literários, o autor encontrou uma estrutura que abarca toda a obra e, através das

---

<sup>8</sup> Os outros modelos são: promessa-cumprimento e oposição-contraposição.

inclusões, consegue distribuir o texto de tal modo que se tem como centro Hb 8,1–9,28.

No entanto, não se retoma nesta reflexão a estrutura de Vanhoye, e se expõe, a seguir, um esquema inspirado na disposição do material proposta por Vanhoye com uma simplificação de detalhes que são importantes para um aprofundamento do todo do texto, mas desnecessários para o intuito desta argumentação. Ela consta ainda de uma extrapolação dos limites da terceira parte da estrutura de Vanhoye porque se busca respeitar a inclusão percebida pelo uso da expressão *chōrís hamartías*. Assim, tem-se a seguinte estrutura<sup>9</sup>:

4,15 – *chōrís hamartías*

4,15–5,10: Jesus, sumo sacerdote que se compadece dos humanos

5,11–6,20: Exortação à atenção e à generosidade

7,1-28: O sacerdócio glorioso do Filho de Deus

8,1-13: O sumo sacerdote da nova aliança

9,1-10: A antiga aliança e suas características

9,11-28: A redenção através do sangue de Cristo, sumo sacerdote

9,28 – *chōrís hamartías*

De acordo com essa distribuição dos textos, não se tem uma exposição tão ajustada quanto à proposta por Vanhoye, uma vez que este autor dispõe o texto de Hebreus inteiro, e aqui foca-se apenas os textos no interior da inclusão referida à *chōrís hamartías*. Os textos que servem de quadro atestam a solidariedade ou compaixão de Jesus sumo sacerdote com a humanidade. Após uma longa exortação, na qual compara Cristo com Abraão, vem uma exposição sobre o sacerdócio do Filho de Deus. Essa exposição consta de uma comparação com Melquisedeque em contraste com Aarão. Junto a essa apresentação do sacerdócio do Filho vem a demonstração do sumo sacerdote da nova aliança e pelo recurso da palavra-gancho o autor sagrado passa a desenvolver uma apresentação das características da aliança antiga porque elas serão necessárias para o desenvolvimento que é o ponto de

---

<sup>9</sup> Para aprofundamento remete-se ao artigo de VANHOYE, Albert. Discussions sur la structure de l'Épître aux Hébreux. *Biblica*, Vol. 55, No. 3, 1974, p. 349-380. Utiliza-se essa e outras referências do autor porque, ainda que antigas, não chegaram de fato a serem superadas.

chegada; a saber, a redenção através do sangue de Cristo. Em Hb 9,7 o texto indica o uso do sangue pelo sumo sacerdote e é o elemento retomado para a última exposição sobre a redenção.

No esquema de Vanhoye, a terceira parte de Hebreus, nomeada “Traços específicos do sacerdócio de Cristo (5,11–10,39)”, consta de uma inclusão maior marcada pelo gênero literário exortação. No interior desta inclusão maior, encontram-se textos relacionados com Deus e com os humanos. A disposição de textos relacionados a Deus e aos humanos aparece em todas as partes de Hebreus (1974, p. 377). Com isso, tem-se uma estrutura concêntrica a revelar que, para o autor de Hebreus, o mais importante está nesse ponto e isso é indicado pelo próprio texto de Hb 8,1 que diz: “Pois bem, o ponto principal sobre o que está sendo exposto é que temos um tal sumo sacerdote que se sentou à direita do trono da majestade nos céus”.

Do ponto de vista literário, Hb 8,1 marca o centro da exposição da Carta, mas o que segue constitui a explicitação do ponto principal? A resposta é “um tal sumo sacerdote”. Como bem notou Vanhoye (1996, p. 322-323), “tal” é a tradução de *toiōuton*, referindo-se ao último versículo do capítulo anterior no qual se encontra a indicação do sumo sacerdote “aperfeiçoado” ou “tornado perfeito”. Essa afirmação cristológica é citada pelo autor da Carta aos Hebreus em momentos específicos. Foi citada a primeira vez Hb 5,9 quando anunciava a exposição da segunda seção; depois, não volta a mencionar esse tema até Hb 7,28, deixando-o para ser desenvolvido em Hb 8,1–9,28.

O sumo sacerdote tornado perfeito, ou aperfeiçoado, é o que entra no santuário verdadeiro (Hb 9,11-12). Por isso, é possível dizer que “a *teleiōsis* de nosso sumo sacerdote, ‘ponto capital’, consiste em oblação sacrificial do qual foi o *leitourgos* e graças ao qual ele foi até Deus e alcançou assentar-se à sua direita” (VANHOYE, 1996, p. 326). Com isso, pode-se perceber que a cristologia da Carta aos Hebreus é uma cristologia sacerdotal. Porém, afirmar isso não significa que não se deva considerar o aspecto soteriológico desta cristologia.

Por isso, pode-se perguntar por que refletir sobre o Cristo sacerdote? Essa pergunta carrega com ela outra: para quem estava escrevendo o exegeta e falando o pregador? A questão dos destinatários, “aos hebreus”,

torna-se importante. Quem são os hebreus? Seguidores e seguidoras de Jesus vindos do judaísmo ou da gentilidade? A essas perguntas só se pode responder que tudo é possível já que o texto não traz informações claras. Ora, como lembra Vouga, o texto já era conhecido em Alexandria desde a metade do século II mesmo antes desse título ter sido atestado pela tradição manuscrita (2015, p. 426). Se a homilia está dirigida a judeu-cristãos a finalidade seria evitar que eles abandonassem o cristianismo para retornar ao judaísmo. Pois, o movimento de Jesus não tinha até então sacerdócio. Assim pensa Aíla Andrade:

O autor bíblico lidou com as reais preocupações de sua comunidade, não com um ponto tangencial. O problema parece ter sido a apatia e a sedução por outra opção religiosa, considerada seriamente nessa Carta: a volta ao judaísmo sem Jesus, uma tentação para os judeu-cristãos do final do primeiro século, principalmente por causa dos rituais do Dia do Perdão. (ANDRADE, 2013, p. 249)

O esquema religioso mediado por um sacerdote não constava do ensinamento e da orientação dos primeiros seguidores de Cristo, já que o movimento nasce no judaísmo e não como uma nova religião. Uma vez que os cristãos se distinguem do judaísmo, surge a necessidade de pensar a mediação e o mediador da relação dos humanos com Deus. Considerando numa comunidade nascida do judaísmo, seria compreensível uma tentação a retornar ao judaísmo, e o texto teria como intenção mostrar que o cristianismo tinha sim um sacerdote que cumpria essa função, maior e melhor, já que o faz de uma vez por todas e não precisa ficar repetindo os sacrifícios cada dia.

No entanto, os destinatários dessa homilia poderiam igualmente serem pessoas vindas dos gentios, e a homilia teria como finalidade “revigorar um sistema de convicção pagão-cristão da perspectiva das tradições intelectuais do judaísmo helenístico” (VOUGA, 2015, p. 426). O que leva Vouga a pensar essa outra opção é o fato de que, na Carta, existem afirmações que sustentam essa possibilidade. Mais de uma vez o autor afirma a impossibilidade de uma segunda conversão (Hb 6,4-6 e 10,26); Hb 3,12 se

refere a um possível afastamento do Deus vivo, o que pode indicar uma referência aos gentios convertidos.

O fato de que não se pode identificar, com toda segurança, autor, destinatários e lugar de origem faz desse texto um desafio para exegetas e um lugar privilegiado para a hermenêutica, porque todo leitor do texto é convocado a ser esse “hebreus” a quem o texto se dirige e é convidado a passar dos “rudimentos do catecismo”, recebidos há muito tempo, ao “alimento sólido” das afirmações de fé sobre o enviado de Deus (Hb 5,11-6,12) e sua missão salvífica.

No entanto, recentemente Fuhrmann (2008, p. 92) defendeu que uma leitura soteriológica de Hb 9,11 não seria nem significativa nem necessária. Sua reflexão exegética é pertinente já que a Carta aos Hebreus é claramente uma cristologia. Como o próprio autor afirma, as categorias de revisão de interpretação não são “verdadeiro ou falso”, e sim “significativo e menos significativo”. Contudo, a pergunta que se coloca é: o fato de ser uma cristologia sacerdotal torna menos significativo o caráter soteriológico da afirmação de Hb 9,11-12?

Desde o início o autor da Carta está refletindo sobre a situação de Cristo, mas sempre em relação a Deus e aos homens. O caráter soteriológico não perpassa, assim, o escrito inteiro? No interior mesmo da parte principal (Hb 8,1–9,28) encontra-se a afirmação: “Porque terei misericórdia das suas culpas, e de seus pecados já não mais me lembrarei” (Hb 8,12). Ainda em Hb 5,1, quando inicia as reflexões sobre o que caracteriza um sumo sacerdote, escreve: “De fato, todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados.” Cristologia e soteriologia não se separam na Carta aos Hebreus, elas aparecem como as duas faces de uma medalha. Por isso, a questão da tradução da expressão *chōris hamartías* é pertinente para a discussão da compreensão mais significativa da cristologia e da soteriologia da Carta.

## **A tradução de *chōrís hamartías* e o que levar em consideração ao traduzi-la**

Este último passo tem como finalidade responder as três questões que foram deixadas lá na introdução. Relembrando: como a expressão *chōrís hamartías* tem sido traduzida nas edições da Bíblia em circulação no Brasil? O que o/a tradutor/a precisa levar em consideração para traduzi-la? Em que diferem as traduções conhecidas dessa sequência?

### *A tradução de *chōrís hamartías* nas edições da Bíblia em circulação no Brasil*

São inúmeras as edições da Bíblia em circulação hoje no Brasil; por isso, uma seleção se faz necessário. Nesse sentido, foram selecionadas sete edições; ou porque elas estão entre as mais difundidas de um modo geral ou porque estão entre as mais utilizadas como edições voltadas ao estudo. Elas serão apresentadas a seguir. Para cada edição, será apontado o ano da edição, uma vez que essas edições passam constantemente por revisões. Eis a tradução de Hb 4,15 nessas edições:

a) Bíblia Sagrada, Almeida revista e atualizada (2009)

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.

b) Bíblia de Jerusalém (2002)

Com efeito, não temos sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado.

c) Tradução Ecumênica da Bíblia: Novo Testamento (1987)

De fato, nós não temos um sumo sacerdote incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas; à nossa semelhança, ele foi provado em tudo, sem todavia pecar.

d) Bíblia Sagrada: tradução da CNBB (2001)

De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, sem todavia pecar.

e) Bíblia Sagrada: Ave-Maria (2009)

Porque não temos nele um pontífice incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas. Ao contrário, passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado.

f) Nova Tradução na Linguagem de Hoje (2005)

O nosso Grande Sacerdote não é como aqueles que não são capazes de compreender as nossas fraquezas. Pelo contrário, temos um Grande Sacerdote que foi tentado do mesmo modo que nós, mas não pecou.

g) A Bíblia: Novo Testamento (2016)

De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, já que em tudo foi provado como nós, mas sem pecado.

Dentre essas edições, nem todas trazem notas explicativas. Dentre aquelas que trazem, apenas uma traz uma nota explicativa para Hb 4,15c. É a Tradução Ecumênica da Bíblia (1987, p. 572). O texto da nota, na íntegra, é assim:

As provações terrenas de Jesus aproximaram-no dos homens e constituem o fundamento da confiança deles. Elas não o afastaram de Deus, mas, pelo contrário, elevaram-no até Deus, pois Jesus não cedeu ao pecado (cf. 7,26; 9,14; Jo 8,46; 2Cor 5,21; 1Jo 3,5). Próximo dos homens e próximo de Deus, Cristo glorificado é o perfeito sumo sacerdote.

A Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) é uma edição original em francês, que foi traduzida ao português e publicada no Brasil (MALZONI, 2016, p. 94-98). Essa edição não especifica quem foi o tradutor de cada escrito bíblico, nem do grego ao francês, nem do francês ao português, nem quem preparou a introdução e notas a esses escritos.

Quanto às traduções de Hb 4,15 elencadas acima, pode-se notar algumas variações de vocabulário. A correspondência entre *archieréus*, sumo

sacerdote, do texto grego, com *pontífice*, da tradução da Ave-Maria parece estranha, mas é bom lembrar que essa edição não é uma tradução do texto grego, mas da Vulgata latina (MALZONI, 2016, p. 68-71), onde se lê *pontificem*, em Hb 4,15 (BÍBLIA, 1994, p. 1846). Também a correspondência entre *sympathésai*, do verbo *sympathéō*, *compadecer*, com *compreender*, como se encontra na Nova Tradução na Linguagem de Hoje, chama a atenção. Essa edição se rege pelo princípio da equivalência dinâmica, o que abre um campo maior de possibilidades de tradução para a/o tradutor/a (MALZONI, 2016, p. 84-86). Nesse caso, fica a dúvida se a escolha foi ou não feliz, uma vez que *sympathéō* parece indicar mais que *compreender*, senão *compartilhar do mesmo sentimento/sofrimento*. Aliás, a primeira dessas palavras, *archierús*, *sumo sacerdote*, faz parte do vocabulário típico da Carta aos Hebreus, com 17 ocorrências, de 122 no Novo Testamento. Já a segunda, o verbo *sympathéō*, *compadecer*, ocorre apenas duas vezes no Novo Testamento, e essas duas vezes encontram-se na Carta aos Hebreus (4,15; 10,34).

Por outro lado, todas as edições elencadas acima trazem a mesma correspondência para o termo grego *astheneía*, *fraqueza*. Em Hb 4,15 está a primeira ocorrência desse termo na Carta aos Hebreus. Outras três ocorrências virão: 5,2; 7,28; 11,34. Em todas essas ocorrências, a fraqueza aparece como característica da existência humana.

Para o verbo *peirázō*, na forma *pepeirasménon*, perfeito, participio, passivo, masculino, singular, acusativo, as edições acima se dividem entre as correspondências: *ser provado* e *ser tentado*. Esse verbo aparece outras três vezes na Carta aos Hebreus. Duas dessas ocorrências estão em Hb 2,18: “De fato, uma vez que ele mesmo sofreu ao ser provado/tentado, pode socorrer os que são provados/tentados”. Esse versículo guarda estreito paralelo com Hb 4,15. A quarta atestação está em Hb 11,17, referindo-se a Abraão colocando à prova.

A palavra *hamartía*, *pecado*, é bem comum em toda a Carta, com 25 ocorrências, estando ausente somente do capítulo 6, e com maior densidade no capítulo 10. Para Hb 4,15, as edições elencadas acima oscilam entre a correspondência de *hamartía* por um substantivo, o que literalmente está mais próximo do texto grego, dado que *harmatía* é, de fato, um substantivo,

ou por uma forma verbal de infinitivo, o que, embora menos literal, seria uma tentativa de melhor reproduzir o sentido do texto.

*O que a/o tradutor precisa levar em consideração  
em seu ofício de traduzir*

A resposta a essa questão é como que uma antecipação das considerações finais, uma vez que é uma retomada do caminho percorrido até aqui, sendo que alguns passos já foram bem explicitados, enquanto outros permaneceram implícitos para serem aqui explicitados.

Em primeiro lugar, é preciso escolher o texto a ser traduzido. Atualmente, para o Novo Testamento, essa questão já está praticamente resolvida. O ponto de partida é a edição *O Novo Testamento grego*, das Sociedades Bíblicas Unidas, publicado, no Brasil, pela Sociedade Bíblica do Brasil. Contudo, essa edição não deve ser usada sem um olhar para seu aparato crítico, acompanhado da consulta do livro de Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, onde são apresentadas as motivações dos editores para as escolhas entre as lições variantes. Seja permitido ao/à tradutor/a discordar dessas escolhas.

Em segundo lugar, vem o recurso aos dicionários, no plural, uma vez que um só dicionário não é suficiente, já que alguns enfatizam mais determinados aspectos, enquanto outros enfatizam outros aspectos. Em terceiro lugar, vem o trabalho com a concordância, que possibilita a passagem para a análise do sentido das palavras nos contextos de uso. Para palavras muito usadas, o contexto de uso pode ser o do próprio escrito em questão, neste caso a Carta aos Hebreus; para palavras menos usadas pode ser todo o Novo Testamento, chegando-se a incluir a Septuaginta e outros escritos gregos, especialmente aqueles contemporâneos ao Novo Testamento.

O próximo passo é a compreensão do contexto global do texto que se está traduzindo; neste caso o da Carta aos Hebreus. Não se traduz um versículo quando ele está inserido em um texto mais amplo. Foi essa necessidade que motivou a segunda parte deste artigo, na qual foram abordadas a Carta aos Hebreus em geral e sua cristologia em particular.

Como a Carta aos Hebreus é um escrito muito particular no interior do Novo Testamento, ela própria já dá o contexto necessário para sua tradução. Ainda assim, será preciso colocar esse texto que está sendo traduzido em contato com os outros escritos do Novo Testamento. Tal necessidade se impõe pela leitura canônica, cujo axioma básico reza que um texto da Sagrada Escritura é interpretado primeiramente pela própria Sagrada Escritura.

O passo seguinte, já é o quinto, é o do diálogo com outros/as tradutores/as uma vez que os textos do Novo Testamento não estão sendo traduzidos pela primeira vez. Esse diálogo se faz pela comparação do texto já traduzido com outras traduções que já foram feitas. Aqui, não se trata nem de segui-las nem de afastar-se delas, mas de dialogar com elas. Antes de mais nada, é preciso saber que cada edição da Bíblia tem suas próprias características, por exemplo, qual é seu público-alvo. Também é importante saber de qual língua foi feita a tradução. Em geral, no Brasil, as edições do Novo Testamento se enquadram em três grupos nesse ponto: o grupo daquelas que trazem uma tradução do texto grego; o daquelas que trazem uma tradução do texto grego mediada por uma tradução em língua moderna, quase sempre o francês no mundo católico e o inglês no mundo protestante; o daquelas feitas a partir de outra língua, no caso, o latim, o que era o comum até meados do século XX.<sup>10</sup>

O próximo passo é o do diálogo com os comentadores do texto. É verdade que o gênero comentário bíblico parece estar fora de moda, talvez até por saturação, mas eles são imprescindíveis, desde os mais básicos, destinados ao público em geral, aos mais volumosos, em que se pode encontrar páginas de informação sobre um meio versículo. Que sejam abertos os comentários bíblicos: os clássicos e os que estão agora sendo redigidos. E com eles sejam bem-vindos também os estudos específicos sobre determinada perícopes, sobre este versículo, sobre aquela palavra.

---

<sup>10</sup> Embora seja melhor que se traduza a partir do grego, o idioma original dos textos do Novo Testamento, não se pode afirmar que uma tradução será melhor porque foi feita do texto grego, pois há outros fatores que influem no processo de tradução.

Esses comentários bíblicos ainda não foram abordados. A modo de exemplo, dois dentre eles serão abertos. O primeiro é o de Ceslas Spicq, *L'Épître aux Hébreux*. Comentando Hb 4,15, ora ele utiliza *ser provado*, ora *ser tentado*, como tradução para o verbo *peirázō* na voz passiva, mas parece dar preferência a *ser provado*, pelas ressonâncias veterotestamentárias desse significado. Seu correspondente hebraico seria a raiz *NSH*, usada, sobretudo, para exprimir “as provas às quais Deus submete os homens para sondar seus rins e coração (Sl 26,2), para assegurar-se de sua fidelidade, mas que podem também colocá-lo em perigo” (1953, p. 93). Também o Cristo passou por isso, como afirma o próprio autor da Carta, em Hb 2,18. Não uma vez, mas em toda sua existência, como indica o particípio perfeito, *pepeirasménon*, usado em Hb 4,15. Os evangelhos estão repletos de exemplos de provações pelas quais Jesus, “em sua alma, em seu coração e em seu corpo” (1953, p. 93). Para Spicq, o autor da Carta foi tão longe ao afirmar a semelhança do Cristo com a situação dos homens, que se sentiu na necessidade de fazer uma correção: *chōrís hamartías, sem pecado*. Para Spicq, essa correção indica que o Cristo não apenas não sucumbiu às tentações, mas que “ele não conheceu certas sugestões do mal ou propensões ao pecado vindas de uma natureza corrompida” (1953, p. 93).

O segundo comentário a ser aberto, mais acessível ao público no Brasil, é aquele de Rinaldo Fabris, publicado no terceiro volume de *As Cartas de Paulo*, de Edições Loyola. Primeiro, ele assinala a unidade de Hb 4,15-16, versículos introduzidos por Hb 4,14, que retoma Hb 2,17-18, e introduzem a argumentação de Hb 5,1-10, tudo interligado. Na sequência, Fabris se concentra em comentar o final de Hb 4,15. Segundo ele, a tentação-provação à qual o autor da Carta se refere não diz respeito “aos sofrimentos próprios de uma existência humana limitada e frágil, mas da condição histórica onde as provações da vida põem a nu a fidelidade ou a infidelidade do homem a Deus” (1992, p. 405). E acrescenta:

Jesus viveu até o fim essa condição humana, sem privilégios e salvo-condutos, assumindo sua parte de sofrimento. [...] Nessa perspectiva, adquire um sentido mais histórico e coerente aquele aposto final: “Menos no pecado”. Não se afirma uma “impecabilidade” abstrata ou inata de Jesus, mas uma ausência de

pecado em sua vida e nas suas opções históricas, fruto de uma fidelidade ou adesão radical a Deus na provação ou tentação (1992, p. 405).

Como se pode perceber, os dois comentadores escolhidos a modo de exemplo divergem na interpretação de *chōrís hamartías*, muito embora ambos, em seus comentários, a traduzam do mesmo modo: “sem pecado”.

Feito esse imprescindível parêntese, é o momento de voltar à questão do que a/o tradutor/a deve levar em consideração para sua tradução. O sétimo e último ponto – quem quiser que ajunte outro – é ter presente as pessoas às quais a tradução se destina. Nesse ponto, há que se considerar que existe, em português, uma língua bíblica, que foi se firmando aos poucos com a leitura da Bíblia. Nessa língua bíblica, há fórmulas fixas, versículos memorizados e expressões decoradas. O/A tradutor/a pode propor uma tradução diferente daquela da língua bíblica que está na memória das pessoas, mas não pode ignorar a existência desta, inclusive sob o risco de que sua tradução seja rejeitada.

Esse assunto pode ainda dar o que falar, mas já é tempo de passar ao último ponto desse artigo.

### *Em que diferem as traduções acima elencadas*

Acima, quando foi dado o modo como Hb 4,15, aparece em algumas edições da Bíblia em circulação no Brasil, essas traduções já foram comentadas, exceto para a expressão *chōrís hamartías*. Elas podem ser divididas basicamente em dois grupos, conforme já foi assinalado: o daquelas que trazem a correspondência *hamartías*, *pecado*, substantivo com substantivo, e o daquelas que trazem a correspondência *hamartías* = *pecar*, substantivo com infinitivo.

Aquelas que estão no primeiro grupo parecem indicar a impecabilidade de Jesus, o Filho de Deus, o sumo sacerdote eminente (Hb 4,14), na linha do que foi exposto por Spicq, e evocando a semelhança de Jesus com Adão, nos moldes de Rm 5,12-21. Nesse sentido, a impecabilidade de Jesus não limita sua *com-pathia* (*sentir/sofrer com*) com a humanidade, pois o pecado não faz parte da condição de Adão.

Aquelas que estão no segundo grupo, por sua vez, parecem indicar que Jesus, em sua existência humana, não sucumbiu ao pecado, na linha do que foi exposto por Fabris. Na oração do Pai-Nosso, Jesus ensinou a pedir: “e não nos introduzas em tentação” (Mt 6,13; Lc 4,11). O uso da primeira pessoa do plural é só um modo de expressão ou essa era também a oração de Jesus?

Uma última consideração que, embora de menor importância, precisa ficar registrada: algumas traduções acrescentam na correspondência de *chōrís hamartías* uma conjunção adversativa, ausente no texto grego. Tal acréscimo, contudo, fica justificado se considera-se que há um assíndeto da junção de *chōrís hamartías* ao que precede. Nesse sentido, nem se deve falar de acréscimo da conjunção adversativa na tradução ao português.

## Considerações finais

Mais acima, o trabalho do/a tradutor/a foi chamado de ofício. Também pode ser chamado de arte. Enquanto trabalho, pressupõe esforço; enquanto arte pressupõe criatividade. Enquanto trabalho, pressupõe o método; enquanto arte, pressupõe a expressão. O trabalho é o momento subjetivo; a arte é o momento objetivo.

Para Hb 4,15c, foram apresentadas duas traduções correntes que são encontradas nas edições da Bíblia em circulação no Brasil. Ambas são válidas. A primeira: *mas sem pecado*, é aquela que está na língua bíblica: “igual a nós em tudo, exceto no pecado”. A segunda, rompe com essa memória bíblica coletiva: *mas sem pecar*. Ela não pode ser chamada de falsa porque não é literal. Não se espera de uma tradução que ela seja literal, mas que ela seja fiel.

Enfim, com todos os pesos na balança, os autores desse artigo preferem a tradução “mas sem pecar”, que põe em relevo a existência histórica de Jesus, mas sem qualquer crítica à tradução “mas sem pecado”, que insiste mais na condição humana do Cristo.

## Referências

- ALEXANDER, P. H. *et al.* *The SBL Handbook of Style: for Ancient Near Eastern, Biblical, and Early Christian Studies*. Peabody: Hendrickson, 1999.
- ANDRADE, A. L. P. de. O sacerdócio de Cristo e a laicidade do sacerdócio conforme a Carta aos Hebreus. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 30, n. 119, p. 248-256, 2013.
- ANDRADE, A. L. P. de. Sombra e Realidade: um estudo de Hb 10 à luz da perfeição de Cristo. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, v. 21, n.4, p. 3-143, 2004.
- BAUER, J. B. χωρίς. In: BALZ, H.; SCHNEIDER, G. (ed.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento λ-ω*. Vol. II. Salamanca: Sígueme, 1998. (Coleção 2162-2164).
- BÍBLIA. *A Bíblia: Novo Testamento*. 1. reimp. São Paulo: Paulinas, 2016.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994. (Vierte verbesserte Auflage).
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada Ave-Maria: 50 anos: edição comemorativa*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos monges beneditinos de Maredsous (Bélgica). Edição revisada. São Paulo: Claretiana, 2009.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: tradução da CNBB, com introduções e notas*. São Paulo: Loyola e Paulus, 2001.
- BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia: Novo Testamento: edição integral*. São Paulo: Loyola, 1987.
- DANKER, F. W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature based on Walter Baeur's Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*. 3. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- FABRIS, R. Carta aos Hebreus. In: FABRIS, R. *As Cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 340-514.
- FUHRMANN, S. Christ Grown into Perfection: Hebrews 9,11 from a Christological Point of View. *Bíblica*, v. 89, n. 1, p. 92-100, 2008.

GOMES, R. M. O *derás* eclesiológico no Evangelho segundo Marcos. *Fronteiras*, Recife, v. 2, n. 2, p. 152-174, jul./dez., 2019.

LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico Grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MALZONI, C. V. *As edições da Bíblia no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2016.

METZGER, B. M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament: a Companion Volume to the United Bible Societies' Greek New Testament (Fourth Revised Edition)*. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum graece*. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NEVES, F. Anástrofe ou inversão. In: *Norma culta*. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/anastrofe-ou-inversao/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

NOVO Testamento grego (O): com introdução em português e dicionário grego-português. 4. ed. revisada. Stuttgart; Barueri: Deutsche Bibelgesellschaft; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

RUSCONI, C. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. Trad. de Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SPICQ, C. *L'Épître aux Hébreux*. II. Commentaire. Paris: Gabalda, 1953.

THE INSTITUTE FOR NEW TESTAMENT TEXTUAL RESEARCH AND THE COMPUTER CENTER OF MÜNSTER UNIVERSITY. (ed.). *Concordance to the Novum Testamentum Graece of Nestle-Aland*. 26. ed. New York: Walter de Gruyter, 1987.

VANHOYE, A. Discussions sur la structure de l'Épître aux Hébreux. *Biblica*, v. 55, n. 3, p. 349-380, 1974.

VANHOYE, A. La "Teleiôsis" du Christ: point capital de la Christologie sacerdotale d'Hébreux. *New Testament Studies*, v. 42, n. 3, p. 321-338, 1996.

VOUGA, F. A epístola aos Hebreus. In: MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 419-434.

RECEBIDO: 27/06/2022  
APROVADO: 09/08/2022

RECEIVED: 06/27/2022  
APPROVED: 08/09/2022